

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

Ane Elize dos Santos Pereira – Universidade Tuiuti do Paraná
aneelizesp@gmail.com

Liz Andréa Dalfré – Universidade Tuiuti do Paraná
liz_dalfre@yahoo.com.br

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a percepção de história de José Francisco da Rocha Pombo no livro *O Paraná no Centenário*, publicado no ano de 1900. Para isso, serão utilizadas as reflexões de Hayden White sobre a escrita da história e de Márcia Regina Naxara, sobre as correntes científicas e românticas brasileiras. O objetivo é situar o escritor e sua obra no contexto das produções historiográficas do final do século XIX e analisar seu vínculo com correntes historiográficas vigentes neste contexto, como o cientificismo e o romantismo.

Palavras-chave

Historiografia; Romantismo; Povo.

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

INTRODUÇÃO

A virada do século XIX para o XX foi marcada no Brasil pelo advento da modernidade. Em vários segmentos da vida social deste período, é possível observar a preocupação com a adoção de condutas e projetos condizentes com os ideais de progresso e civilidade defendidos, sobretudo, pelas elites por grupos letrados que encontravam na Europa, principalmente na França e na Inglaterra, os grandes modelos a serem seguidos.

Essas mudanças se concretizaram a partir de um contexto conturbado. De um lado, a abolição da escravidão e de outro, o advento da República, eventos que anunciavam a necessidade de refletir e implementar concepções de cidadania mais abrangentes. Além das mudanças políticas, de uma série de iniciativas causaram impactos variados no cotidiano dos brasileiros, como a construção de estradas de ferro, a criação dos telégrafos, a abertura de largas avenidas nas principais capitais brasileiras, a destruição de cortiços, o higienismo voltado para as classes pobres, o combate à vadiagem e à prostituição, a criação de diversas correntes literárias, a chegada de um grande contingente de imigrantes, com variadas expectativas sobre o Brasil, muitas delas desfeitas mediante uma dura realidade de abandono e exploração. Estas transformações estiveram expressas na percepção e sensibilidade sociais, em que se observa “novas compreensões acerca da identidade múltipla da nacionalidade, no qual se reconhece o Brasil mestiço, mas prevalece a ideia de superioridade e inferioridade étnica” (VELLOSO, 2006, p. 356).

O tempo passou a ser visto de forma linear e se projetou para o futuro as esperanças de progresso através dos projetos civilizacionais, uma vez que o presente era entendido como sinônimo de atraso devido à composição étnica brasileira heterogênea, formada por mestiços. “De um lado, um caudatário de povos e raças diferentes que não formavam um corpo social; de outro, uma elite que não se identificava com as tradições de seu povo, distinguindo-se, e não o reconhecendo como tal.” (NAXARA, 1998, p. 39).

A partir deste quadro, o Brasil passa a ser interpretado como um país atrasado, ocupado

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

por uma população miscigenada, sem uma identidade nuclear e, neste sentido, muitos escritores buscaram formular teorias acerca do Brasil, dos brasileiros e de sua história, na tentativa de elaborar marcos fundadores à nação almejada. Neste sentido, “a modernidade também se ocupa do passado ao marcar eventos fundadores que devem ser conhecidos e reconhecidos pelos habitantes do território e que fazem parte da memória nacional” (OLIVEIRA, 2000, p. 184).

A partir das últimas décadas do século XIX, se intensificaram as disputas para forjar o futuro do país¹ e uma das vertentes dessa construção se deu a partir da formação da identidade republicana, em diálogo com as demandas das demais partes do mundo ocidental, que se baseavam nas concepções de progresso vindas da Europa. Os líderes políticos e intelectuais procuravam uma identidade que colocasse o Brasil em harmonia com as civilizações em processo de modernidade, sem perder o sentido de unidade construída por meio do passado (SANTOS, 2007, p. 5).

Enquanto na Europa, se fundamentava e se legitimava o processo da escrita da história nas universidades, o Brasil o fazia pelas Academias Ilustradas, sendo os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) os principais atores neste processo. Os escritores vinculados a essa instituição objetivavam produzir uma “síntese que proporcionasse a apreensão e compreensão do país/nação, conferindo-lhe historicidade e presença” (NAXARA, 2013, p. 117).

A segunda metade do século XIX foi o momento no Brasil em que “se ambicionava a definição de modelos e métodos fundantes para a escrita da(s) história(s), que possibilitasse(m) conformar a nacionalidade brasileira e uma memória coletiva nacional” (NAXARA, 2013, p. 116). A história foi um dos recursos fundamentais, pois utilizada de forma pedagógica, para constituir uma imagem sobre a identidade nacional, forjando assim a nacionalidade brasileira. Nesta perspectiva, a intenção deste artigo é analisar a concepção de história de José Francisco da Rocha Pombo, a partir de sua

¹ O manifesto republicano de 1870 é considerado o marco da modernidade. Nele é enfatizada “a necessidade urgente da abolição da escravidão e da instauração da República”, considerados, por sua vez, elementos indispensáveis para inserirem o Brasil no compasso da modernidade. Ver VELLOSO, Monica, 2006, p. 354.

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

obra *O Paraná no Centenário*². O artigo será dividido em três partes. A primeira tem por objetivo situar o escritor e sua obra no contexto das produções historiográficas do final do século XIX. Em um segundo momento, será apresentada a obra a partir de alguns detalhes que estruturaram a concepção de história do autor e finalmente será analisado um dos elementos centrais na abordagem histórica de Rocha Pombo: a valorização da cultura popular.

Rocha Pombo, *O Paraná no Centenário* e as concepções históricas do final do XIX e início do XX

José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes, na então província do Paraná, em 4 de dezembro de 1857. Aos dezoito anos de idade, começou a lecionar as primeiras letras em sua cidade natal. Posteriormente, fundou o jornal *O Povo* (1879) em Morretes e *Ecos do Campo* (1883), em Castro. Ambos periódicos difundiam propostas abolicionistas e republicanas.

Foi também autor de uma vasta produção intelectual, entre poemas, romances, textos de história e materiais didáticos. Foi autor do *Compêndio de História da América* (1900) e *História do Brasil* (publicado em 10 volumes entre 1905 e 1917), além dos textos ficcionais: *A supremacia do ideal* (1889) e *No hospício* (1905). Atuou na política provincial como deputado em 1866. Após a Proclamação da República, se mudou para o Rio de Janeiro, então capital do país, onde começou seu trabalho como historiador e atuou como professor no Colégio D. Pedro II. No ano de 1900, após a publicação de seus dois primeiros trabalhos historiográficos, – *História da América* e *O Paraná no Centenário* – foi aceito como membro do IHGB. Em 1933, antes de tomar posse da 39ª cadeira da Academia Brasileira de Letras, faleceu no Rio de Janeiro.

O livro *O Paraná no Centenário*, publicado em 1900, está dividido em vinte e quatro capítulos, sendo estes separados de acordo com temas que correspondem a uma linearidade histórica,

² Para o presente artigo será utilizada a segunda edição, de 1980.

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

evidentemente associada a Francisco Aldolf de Varnhagen (SANTOS, 2009, 83). O texto, inicia a abordagem sobre a história do Paraná pelas navegações, seguindo para uma descrição geográfica, origens históricas, populações indígenas e, por fim, a formação social. No sumário geral, o autor separa a história do Paraná em marcos que considera importantes:

I – Dos tempos primitivos até a criação da comarca; II – Da criação da comarca até 1853, época em que a comarca foi elevada a província; III – De 1853 até o ano em que se concluiu a construção da estrada da Graciosa – 1873; IV – de 1873 até 1885, quando se inaugurou a estrada de ferro; V – 1885 até a proclamação da República, em 1889; e VI – de 1889 até hoje (POMBO, 1980,VI).

Partindo destas informações iniciais, é possível perceber, por meio da análise das escolhas de fontes e pelo entusiasmo em narrar certos acontecimentos, que não se tratava apenas de uma produção com o objetivo de escrever uma história de enaltecimento do Estado. Os elementos populares estão presentes em vários aspectos, configurando o povo, em certos momentos, como ator principal da narrativa (SANTOS, 2009, 85).

Os escritores que escreveram sobre a história do Brasil na virada do século XIX para o XX, muitos deles vinculados ao IHGB, utilizaram referenciais de pensamento e de estruturação da narrativa histórica, vindos da Europa, baseados principalmente nas correntes científicas. De acordo com essa vertente, a nacionalidade era “compreendida como matéria-prima, uma espécie de pedra bruta a ser trabalhada pelo saber científico das elites intelectuais que, dotadas de aptidão para conduzir as mudanças sociais, tinham a missão de organizar a nacionalidade de acordo com critérios científicos” (VELLOSO, 2006, 356).

Além do cientificismo, muito em voga desde meados do século XIX, estava o romantismo, que poderia assumir vários significados. Conforme Jacob Guinsburg (2008, 13), o romantismo pode ser percebido em vários campos, como nas artes plásticas, na literatura, na política e na história. Ainda de acordo com esse autor, inúmeros elementos podem ser elencados como referentes utilizados em produções de vertente romântica, tais como: um acentuado grau de secularização e re-

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

lativização, a valorização da existência à frente da essência, o ser humano como centro de si mesmo, do sentido do seu viver, a alteração revolucionária do discurso histórico, a relevância da consciência histórica, a saída de um tempo mítico para um tempo real (GUINSBURG, 2008, 13-16). No que concerne à escrita da história, o romantismo teria como elemento característico, a organização da sociedade em comunidades ou nações, vinculadas muitas mais a uma cultura ao invés de uma civilização. Os grupos analisados, de acordo com as premissas românticas, teriam uma identidade peculiar, um sentido a ser perseguido pelo analista para se alcançar uma compreensão do espírito nacional.

Guinsburg (2008, 14) também enfatiza a dificuldade em se alcançar uma definição precisa do romantismo, já que foi adotado em campos, lugares e temporalidades diferentes. Da mesma forma, Márcia Naxara (2004, 297) aponta para essas dificuldades, enfatizando que a concepção romântica, “ultrapassa de longe os limites de sua definição como escola literária retida em marcos cronológicos precisos”. Ainda conforme os estudos de Naxara, estas duas concepções, o cientificismo e o romantismo, proporcionaram a construção de uma percepção “estética, ética, moral e política vinculada aos sentimentos e emoções, constitutivos da ação dos homens e imprescindíveis para a formação e adesão à ideia de nação que, embora pensada racionalmente, é [...] vivida pelo sentimento e pelas paixões dos homens” (NAXARA, 2004, 297). O olhar romântico e o racional/científico se mesclaram na produção de diversos escritores brasileiros durante o século XIX. Essas formas de compreensão da sociedade, compartilharam um ambiente comum, que gerou uma complexa rede de representação do mundo, onde natureza e civilização foram temáticas recorrentes, dando forma ao paradigma que exerceu influência decisiva no pensamento ocidental (NAXARA, 2004, 295).

Um futuro de prosperidade para o Paraná

Seguindo os modelos do IHGB, nas primeiras décadas da República, os trabalhos historiográficos brasileiros valorizavam, a partir de uma concepção temporal linear, à crítica documental, à busca de

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

uma síntese histórica através dos fatos políticos e econômicos (SANTOS, 2007, 2). Estes trabalhos, por sua vez, eram elaborados por escritores, os quais muitas vezes ocupavam cargos políticos ou estavam vinculados ao serviço público, já que nesta época ainda não existia a especialização do campo em termos acadêmicos. O campo formal da história nas universidades começa a ser delineado no país a partir da década de 1940 (SANTOS, 2007, 3).

A preocupação em elaborar um projeto bem delimitado didaticamente é perceptível no livro *O Paraná no Centenário* e indica a preocupação, presente também em outros autores do período, de buscar o “desenvolvimento de uma *cultura historiográfica* que buscou controlar o passado e projetar o futuro com vistas à modernização civilizatória” (GONÇALVES, 2007, 4).

Ao mesmo tempo em que a obra é carregada de elementos então considerados tradicionais pelas correntes historiográficas majoritárias naquele contexto no Rio de Janeiro – como o uso de documentos produzidos por personagens “ilustres”, como algumas anotações de André Rebouças – ela também apresenta formulações não usuais na escrita de historiadores do período – como o uso de textos do poeta antoninense Bento Cego.

Retomando os marcos estabelecidos pelo autor no sumário geral, é evidente que estes estão exclusivamente voltados para os aspectos da formação política e econômica do Estado e segundo o próprio autor era “didaticamente, a divisão mais bem assinalada” (POMBO, 1980, VI). A escolha pela divisão de capítulos, como dito anteriormente, se aproxima ao que Francisco Adolph de Varnhagen tinha como projeto para sua *História Geral do Brasil*, acompanhando as instruções de Carl Friedrich Philipp von Martius em *Como Escrever a História do Brasil* (REIS, 2000, 28). O autor partiu de uma justificativa nomológica-dedutiva, segundo a qual uma lei conceitualmente universal – no caso, a cientificista – organiza os fatos a partir de uma necessidade lógica, no sentido de que esta generalização, para a narrativa histórica, “aponta para o caráter protocientífico da explicação histórica em geral” (WHITE, 1992, 27), caracterizando assim o pensamento historiográfico do autor.

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

Permanecendo neste planejamento narrativo, Rocha Pombo começou sua obra com uma breve justificativa para a produção do livro, já que ele foi pensado para as comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil (POMBO, 1980, 3). Para cumprir com o propósito de inserir o Paraná nesta celebração, o autor se voltou para as proposições que enaltecêssem o Estado, entendidas como motivo de orgulho e confiança em um futuro próspero.

A escolha dos temas evidencia a aproximação com os principais modelos de escrita da época. Porém, o modo como Rocha Pombo organiza os capítulos faz com que o leitor conheça a história do geral para o local, rompendo com a proposta do IHGB de elaborar uma história com vistas à construção de uma identidade nacional, em detrimento de uma identidade regional (SANTOS, 2007, 07-08).

O capítulo que aborda a presença indígena no Estado compreende um formato semelhante ao que Von Martius propôs (VON MARTIUS, 1845, 444). Este, aconselha em sua obra, aos que pretendem escrever a história do Brasil, a não desprezar a importância africana e indígena para a formação da nação, mesmo elegendo o homem português como “o mais poderoso e essencial *motor*” do projeto civilizacional (VON MARTIUS, 1845, 442). De acordo com o autor foi “o Português que deu as condições e garantias morais e físicas para um reino independente” (VON MARTIUS, 1845, 442). Neste sentido, Von Martius defendeu a ideia da superioridade do colonizador.

Rocha Pombo, em um único capítulo com pouco mais de duas páginas, seguiu a orientação de Von Martius e se voltou à presença indígena. Ele apresenta os grupos nativos dos “mais acessíveis” aos “mais hostis” e resistentes nas relações com os adventícios. Também manifestou certa preocupação com um futuro estudo sobre os indígenas antes da chegada dos colonizadores.

Pouco explorados têm sido esses *sambaquis* e é de crer que ainda venham a fornecer-nos documentos mais preciosos para elucidação de muitos pontos obscuros da história da conquista e até para conhecimento exato do selvagem que estanciou por aqueles recôncavos (POMBO, 1980, 53).

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

Rocha Pombo utiliza a expressão *selvagens* para se referir aos grupos autóctones, também denominados como indígenas e índios em sua narrativa. O uso do termo *selvagem*, demarca claramente o lugar de fala do escritor bem como os leitores ideais. De acordo com a visão da maior parte das elites letradas do final do século XIX e início do XX, o futuro do país – e neste caso específico, do Paraná – estava pautado nos ideais de *civilização moderna* e nesta perspectiva, os grupos nativos, associados à ignorância, ao analfabetismo e a barbárie, eram indesejáveis para compor o ideal civilizacional, do qual as elites paranaenses desejavam fazer parte.

Rocha Pombo faz uma breve descrição de como se deu o contato dos indígenas com os colonos, na medida em que esses últimos avançavam para o interior e, por fim, constata o fenômeno de desocupação forçada do território:

Como se vê, a incorporação do índio ali foi feita (se tanto se pode dizer) pelo mesmo processo posto em prática em toda América Latina: o selvagem submetia-se, ficava num verdadeiro estado de mal disfarçada servidão ou protestava contra o conquistador, indo refugiar-se nos sertões. A *mixtão*³ das duas raças, portanto, se fez de maneira mais incompleta e desastrosa que era possível. (POMBO, 1980, 55).

O autor faz pouquíssimas menções sobre a presença de africanos no Estado e não reserva nenhum de seus capítulos para o tema. A ausência deste assunto no livro pode levar a algumas considerações como, por exemplo, o entendimento – bastante contrariado pela historiografia atual –, que será construído ao longo do século XX de que no Paraná não houve escravidão⁴.

Um tema abordado com muita meticulosidade por Rocha Pombo é a espacialidade do território paranaense, tanto para fazer a descrição geográfica como para enaltecer a paisagem. Segundo Márcia Naxara os intelectuais brasileiros do século XIX, na formulação da história, entendiam que pensar o Brasil, sob diferentes aspectos, seria um elemento importante para a construção da identi-

³ Mistura, miscigenação.

⁴ Diversos escritores paranaenses fizeram afirmações relacionadas a inexistência da população negra no Estado ou a pouca representação destes. Ver, por exemplo Romário Martins (1995, 392).

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

dade do país. Dentre estes aspectos estão os

interesses geográficos, como a avaliação de potencialidades que poderiam ser colocadas no horizonte do novo país/nação [...] [constituindo uma] memória e [possibilitando] perspectivar e projetar o futuro, a partir do conhecimento do passado e da compreensão do presente em linha de continuidade (NAXARA, 2013, 115).

Dois capítulos específicos sobre este tema estão dispostos em cerca de dez páginas, em que o autor separa entre a descrição do território, o elogio as paisagens e as potencialidades do espaço como geradoras de riquezas futuras. Além de localizar as regiões consideradas por ele como as mais prósperas, dignas de receber investimentos, faz elogios a meio natural, comparando-o com cidades famosas do mundo, tanto pela sua história mas, principalmente, pela sua urbanização. Mediante a realidade urbanística do Paraná na época, Rocha Pombo não pôde comparar nenhuma cidade do Paraná às citadas. Para suprir essa ausência, o escritor elegeu a natureza como o mais precioso bem paranaense.

É que nós temos: baía mais bela que a partenopéia, cataratas mais admiráveis que as do Nilo e do S Lourenço, panoramas mais augustos que os da Escócia poética e sonhadora. Ah! Filhos do Oriente, podeis confundir-nos com as grandezas da vossa antiguidade sagrada, com as vossas ruínas majestosas, testemunho eterno de vossas glórias passadas. Filhos da Grécia e da Itália, da Inglaterra e da Holanda, podeis orgulhar-vos da opulência do vosso gênio, do esplendor das vossas cidades, dos vossos palácios, dos vossos monumentos de arte e de ciência... Quanto à natureza, tereis de calar-vos: a terra paranaense venceu a vossa terra! Conosco, a Força Criadora foi além de tudo que supúnheis limite dos prodígios do criador! (POMBO, 1980, 47).

Estas comparações evidenciam tanto a preocupação do autor em elevar a importância do Estado para a nação, como também a preocupação paisagística dos intelectuais do período os quais relacionavam a natureza à valores éticos e morais, inaugurando padrões também estéticos, possibilitando a construção de lugares privilegiados e simbólicos de representação da nação e da nacionalidade (NAXARA, 2004, 298).

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

A região é tomada como se fosse uma unidade territorial de base, uma forma de organização espacial quase que natural, o resultado da interação entre os homens e uma dada conformação da natureza, que teria resultado numa dada singularidade paisagística, demográfica, econômica, social, política e cultural (NAXARA, 2004, p. 298).

Neste sentido, mesmo elegendo a natureza como o maior presente do Paraná, o autor não deixa de lado a necessidade de modernização, pois os avanços econômicos e sociais dependem desta perspectiva. Esse embate entre natureza *versus* modernização, aparece em alguns momentos da escrita de Rocha Pombo. Em meio a esta natureza exuberante, a estrada de ferro, por exemplo, chamou sua atenção: “Hoje, quando se vai para o interior do Paraná, já não se viaja de carro trazido por animais. O trem de ferro, nos estouvamentos da sua fúria, suprimiu em grande parte o encanto dos panoramas” (POMBO, 1980, 49).

Em diversos momentos o autor demonstra preocupação com o futuro. As potencialidades econômicas do Estado estão presentes em diversos capítulos, assim como o entusiasmo do autor em descrever certos acontecimentos, considerados por ele como marcos que trariam benefícios para o desenvolvimento do Paraná, como, por exemplo, a construção da estrada da Graciosa: “O definitivo encaminhamento do Paraná em direção do seu grande futuro data de 1873, época em que se concluiu a estrada da Graciosa” (POMBO, 1980, 144).

Segundo Naxara (2013, 115), a idealização e a visualização de possibilidades para a realização de projetos que articulam a história ao progresso nacional vinculam-se, em certa medida, à cartografia e ao mapeamento dos recursos físicos e humanos, com o objetivo de construir saberes que fabriquem uma memória e possibilitassem projetar o futuro, a partir do conhecimento do passado e da compreensão do presente em linha de continuidade.

Desta forma, a preocupação de Rocha Pombo em formular uma memória para o Estado, tendo em vista um futuro de progresso econômico e social, para que possa, no futuro, justificar o florescimento da região como grande potência brasileira, se ancora no conhecimento sobre as origens da região.

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

Pensando neste futuro, Pombo dedica algumas páginas tanto para os mercados, como para locais potencialmente benéficos para o Estado:

Pode-se dizer que na zona ocidental é que se reservam os elementos da nossa grandeza futura. Infelizmente parece que se retarda muito o encaminhamento definitivo da nossa ação para aquele rumo. Seria muito patriótico e do mais vasto alcance para os nossos destinos, renovar esforços numa enérgica propaganda tendente a levar o trabalho e a civilização àquelas riquíssimas paragens (POMBO, 1980, 46).

Pelas lentes do romantismo: o povo e a cultura popular

Até aqui o caráter positivista e cientificista fica claro para a construção de uma interpretação da história paranaense. Vários dos elementos que remetem a essas correntes estão dispostos nestes capítulos, resumindo-se na formação política das vilas e cidades, na necessidade de povoamento e de desenvolvimento industrial e humano, considerando os processos de imigrações iniciados em meados do século XIX. Porém, “a narrativa construída por Rocha Pombo reúne elementos imersos em uma abordagem tradicional, afim com o regime de produção do seu tempo, mas contendo pequenas emergências de formulações menos frequentes (SANTOS, 2007, 8).

Cinco destes capítulos foram reservados ao que poderíamos chamar de uma narrativa que *dá atenção a uma cultura popular*, considerando o *povo* como essencial para entender a formação do Estado. Este não era um aspecto inovador ou exclusivo, uma vez que Silvio Romero, por exemplo, neste mesmo período buscava entender o caráter da nacionalidade a partir de elementos populares (SANTOS, 2009, 85).

A imprensa, as festas tradicionais, a instrução, a poesia popular, as associações literárias e as belas artes são elementos que expressam o progresso intelectual e cultural do Estado. A partir dessas afirmativas, é possível perceber uma formulação referente a uma identidade paranaense enaltecida. Segundo Rocha Pombo

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

Um fenômeno bem característico que, de 1875 em diante, revelou entre os paranaenses uma grande tendência para alargamento dos horizontes intelectuais da população, foi sem dúvida o afã extraordinário com que em todas as localidades da antiga província se foram organizando clubes literários e sociedades literárias (1980, 124).

Rocha Pombo faz o levantamento de todos os jornais publicados no Paraná até então, assim como dos intelectuais que promoveram as primeiras manifestações literárias e das escolas espalhadas pelo Estado (1980, P. 101). A preocupação em enumerar cada jornal e cada intelectual mostra o interesse do autor em destacar a existência de uma intelectualidade digna de nota para o restante do Brasil. A ênfase na instrução pública mostra as potencialidades do Estado em produzir uma cultura própria, compondo o quadro de glórias, sejam regionais ou nacionais (SANTOS, 2007, 9).

Os elementos sociais de formação de identidade paranaense são manifestados nestes capítulos. Em um dos capítulos destaca – de forma nostálgica e idealizada, característica da corrente romântica – as festas populares, religiosas ou não, que para ele eram de extrema importância para a construção de um entendimento sobre a identidade paranaense:

As mesmas festas profanas, pelas quais terminavam invariavelmente aquelas outras, vão sendo esquecidas. O *fandango* está tal desfigurado que nem recorda mais as antigas expansões ruidosas do baile rústico. As danças já são as modernas, importadas das cidades, e tudo está contrafeito, tudo perdeu a graça e singeleza que tinha (POMBO, 1980, 107).

A ênfase aos elementos populares permite sugerir que a sua concepção de cultura, embora não formalizada, não se limitava à produção intelectual letrada e ajudava a desenhar o painel da nacionalidade (SANTOS, 2007, 9). Desta forma, o autor coloca em pé de igualdade o desenvolvimento econômico e a religiosidade da população.

Entre os quatro modelos básicos de elaboração de enredo da história, propostos por Hayden White, se encontra a *estória romanesca*. Nessa modalidade, o historiador desenvolve a sua narrativa a partir de uma “auto-identificação simbolizada pela aptidão do herói”, como figura principal do drama, em que a luta e a superação deste é o ponto fundamental (WHITE, 1992, 24).

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

Em alguns capítulos do *O Paraná no Centenário*, o *povo* se torna a figura principal da narrativa, contradizendo a historiografia tradicional que via no papel das figuras mais eminentes da vida política, o elemento principal para o desenvolvimento da história do Brasil. Desta forma, Rocha Pombo desenvolveu uma teia que permitiu a formação de conexões entre a singularidade do *povo* paranaense e o futuro próspero do Estado. A fortuna e a idoneidade que caracterizavam a população paranaense a permitiria abrir caminhos de prosperidade econômica e social para o futuro. Assim seriam as virtudes da população que superaria as dificuldades de condições em que o Paraná se encontrava:

A festa da Trindade punha em agitação os bairros, espalhando alegrias pelas redondezas, fazendo alvoroço no meio da penúria dos lares. Podiam andar penando as tristes almas... podia ser dolorosa a existência... na humildade do trabalho: quando na devesa próxima ou na primeira curva do caminho, a BANDEIRA DO DIVINO aparecia iluminando os corações, e castigo se acabava. (POMBO, 1980, 106)

O escritor lamenta o desaparecimento de festas tradicionais nas vilas e cidades. Para ele, essas festividades permitiam construir uma ideia de povo por meio da identidade local. Este texto passou por um processo de *seleção e arranjo* na extração de dados, com um objetivo final. É uma narrativa coerente produzida pelo historiador, ou seja, uma estória⁵. Seus exemplos sempre estão voltados as manifestações populares ligadas às festas tradicionais.

Hoje, não mais se canta como se cantava nos bairros e nos *sítios* tanto da marinha como do interior. A vida dos centros, o bulício das cidades foi contradizendo a primitiva simplicidade dos costumes e usos populares. Baniu-se o que havia de mais poético entre a população dos campos. As próprias festas religiosas, em que a fantasia rústica e a ingênua credulidade do nosso povo criavam as cerimônias mais bizarras, essas mesmas foram quase todas esquecidas⁶.

A narrativa demonstra um apego ao passado idealizado, um romantismo que entende o

⁵ Sobre os tipos de enredo na elaboração da narrativa histórica ver: WHITE, 1992.

⁶ POMBO, Rocha, 1980, p. 106.

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

processo civilizatório como uma caminhada rumo ao fim dos tempos onde a simplicidade, a pureza muitas vezes relacionada aquilo que o autor entende como credence popular, se perdeu.

Nos velhos tempos, o poeta das Folias, à noite, ia ser o cantor dos *batuques*. Muitas vezes, de súbito cessavam os folguedos e os alaridos, fazia-se um grande silêncio de expectativa geral em torno dos *violeiros*. E estes começavam o *desafio* ou a *porfia*. Cantavam horas e horas, improvisando uma para o outro, tendo suspenso todo o tumulto da casa. E quando ambos se reconheciam fortes e invencíveis, erguiam-se anchos apertando-se as mãos, sob a estralada dos aplausos...(POMBO, 1980, 107).

O lamento do autor em ver estas manifestações culturais se perderem mostra também uma preocupação comum a alguns escritores do período em resgatar costumes, considerados *não morigerados* e que foram proibidos pelos Códigos de Posturas, colocados em prática no Paraná. A grande parte destes códigos, instituídos já em fins do século XVIII, diziam respeito aos *batuques* e *fândangos*, proibidos pois impediam o refinamento dos hábitos da população. Tais ações governamentais foram consequência tanto da construção de uma moralidade preconceituosa, como do choque cultural entre os velhos e novos costumes, defendidos sobretudo pela burguesia do mate, grupo que se tornou dominantes economicamente no Estado e desejava também ser dominante em termos culturais.

Nos fins do século XIX e início do XX as festas tradicionais, ora esquecidas, principalmente pela necessidade de civilizar o Estado, refletido nos Códigos de Posturas, são vistas por muitos escritores como uma grande perda. Diversos literatos e historiadores como Rocha Pombo, procuravam tanto na documentação, como na sua própria memória, resquícios dos bailes, cantorias e poesias populares de *antigamente*. O não morigerado da antes se transformou, para esta geração do fim do século XIX, em “espírito anônimo da raça” (PEREIRA, 1996, 76).

Um grande serviço que temos ainda por fazer no nosso Paraná é o de coligir nas diversas zonas do Estado o que ainda porventura se conserve do nosso gênio popular [...] bem se podia ainda no Paraná arquivar em volumes grande quantidade de material endereçado ao futuro investigador do espírito anônimo da raça. E bastante valioso havia de ser

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

semelhante trabalho, porque revelaria, nas tradições que subsistem, toda a excelência do antigo gênio que esplendeu, espontâneo e exuberante, sob o sereno céu lá do Sul. (POMBO, 1980, 106)

Percebemos assim a vertente romântica de escrita, principalmente, quando Rocha Pombo considera o povo ator principal na sua narrativa. Neste sentido, os atores sociais responsáveis pelo desenvolvimento do Estado não são, para ele, as figuras tradicionalmente valorizadas, como os líderes políticos. Mesmo que as canções, versos, imagens e folguedos tenham sido frutos de gênios particulares dentre o povo, foram apropriados pela coletividade, passando a ter um caráter de manifestação artística comum (SANTOS, 2009, 88). O melhor exemplo encontrado no livro são as páginas dedicadas à trajetória de Bento Cego. O escritor utiliza uma publicação do *Diário Popular* de 1887, para se referir ao poeta da Antonina:

Como Homero ele era cego e como cantor grego vivia a cantar. Em vez de lira, como os poetas literários, ele trazia, unida ao coração, a sua viola, o instrumento que sabe gemer rudemente como a alma ingênua do povo. Conta-se que tinha até feições do grande épico da *Ilíada*: era corpulento de traços fisionômicos regulares, barba espessa e longa e cabelos bastos. [...] não reunia em torno de si admiradores consciente de seu gênio, mas provocava a curiosidade dos que sabem ao menos espantar-se ante o que é extraordinário. (POMBO, 1980, 108)

Considerações finais

Na obra *O Paraná no Centenário*, escrita em 1900, Rocha Pombo procurou construir uma identidade paranaense a partir da história do Paraná, evidenciada por meio de referências aos costumes populares, além dos aspectos sociais e políticos, dialogando para isso, com referenciais historicistas e românticos.

Na obra, Rocha Pombo tenta dar conta de narrar tudo aquilo que ele considera ser digno de ser lido pelos outros estados sobre o Paraná. Mesmo atendendo a uma demanda específica, o autor

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

não permite que sejam deixadas de lado informações aparentemente inúteis ou até mesmo desfavoráveis para a construção da imagem sobre o Paraná.

Desta forma, em um período em se intensificam as disputas para forjar o futuro do país através de seu passado, a narrativa histórica, independente de seus caminhos, exerceu um papel fundamental neste processo. E, diferente daquilo que comumente acreditamos, o elemento popular não foi de todo renegado, embora visto aqui como um passado idealizado, já não mais existente, que cedeu lugar aos hábitos e costumes ditos civilizados.

REFERÊNCIAS

- ACADEMICOS. *Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rocha-pombo/biografia>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Receitas Regionais: a noção de região como um ingrediente da historiografia brasileira ou o regionalismo como modo de preparo historiográfico*. In: *Anais do XVIII Encontro de História*. Anpuh, Rio de Janeiro: 2008.
- GUINSBURG, Jacob. *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GONÇALVES, Sérgio Campos. A adesão da cultura historiográfica brasileira ao pensamento civilizador no século XIX. *Anais do Seminário Nacional de História da Historiografia: historiografia brasileira e modernidade*. Flávia Florentino Varella, Sérgio Ricardo da Mata & Valdei Lopes de Araujo (org.). Ouro Preto: EDUFOP, 2007.
- REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen; o elogio da colonização portuguesa. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*, 1999.
- MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995, p. 27-48.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido*

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

explicativo para o Brasil no século XIX. Editora Universidade de Brasília, 2004.

_____. Diálogos históricos e historiográficos: séculos XIX e XX. *História da Historiografia*, n. 13, p. 114-129, 2013

_____. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Maria Lippi. Imaginário histórico e poder cultural: as comemorações do Descobrimento. *Revista Estudos Históricos*, v. 14, n. 26, p. 184, 2000.

PEREIRA, Magnus R. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Ed.UFPR, 1996. Capítulo 4, p. 135-179.

POMBO, Rocha. *O Paraná no Centenário, 1500-100*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900.

POMBO, Rocha. *O Paraná no Centenário, 2 ed.* Rio de Janeiro, Curitiba: José Olímpio. Secretaria de Cultura e Esporte, 1980.

SANTOS, Ivan Norberto dos. A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PP-GHIS, 2009.

SANTOS, Ivan N. dos. Tensões, continuidades e rupturas: passagens e fronteiras entre a produção historiográfica e escrita didática em História no trabalho de Rocha Pombo. In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História* (Anpuh), São Leopoldo, 2007.

SÓCIOS Eméritos. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/JFRPombo.html>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

VELLOSO, Monica P. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, JORGE; DALGA-DO, Lucilia A. N. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

O PARANÁ NO CENTENÁRIO: a narrativa histórica de Rocha Pombo

WHITE, Hayden. *Meta História: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.